



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Termelétrica da Companhia Energética Santa Elisa

Ribeirão Preto – SP, 02 de maio de 2003

Maurílio Biaggi Filho, presidente da Santa Elisa,
Meu caro e querido companheiro Eduardo, da Única,
Meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,
Meu querido companheiro Graziano, ministro extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome,
Meu caro Gilberto, prefeito de Ribeirão Preto,
Meu caro José Alberto Gimenez, prefeito de Sertãozinho,
Demais prefeitos aqui presentes, já citados pelo nosso locutor,
Trabalhadores, jornalistas,
Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu quero, em primeiro lugar fazer justiça porque alguém, com um pouco de má fé, pode dizer que o Maurílio está me convidando para vir a Santa Elisa, porque eu sou Presidente da República. E eu quero fazer, de público, Maurílio, o meu agradecimento, porque, em 1998, eu estava na disputa eleitoral quando você, aqui, nesta mesma empresa, me recebeu, junto com o companheiro Palocci, numa demonstração de que há muito tempo você se mostrava um empresário aberto, democrático e que, possivelmente, receberia tantos quantos candidatos quisessem visitar a sua usina.

Eu acho que isso é importante porque, obviamente, é sempre mais fácil você receber depois de a pessoa ser eleita. Antes de eleito você tem problemas diversos. Eu quero lhe dizer que, no setor da cana-de-açúcar, eu me sinto muito à vontade, porque, mesmo quando vários segmentos do setor tinham medo do Lula, nós



tínhamos definido, enquanto partido político, enquanto candidatura, uma priorização na recuperação do álcool como matriz energética alternativa, geradora de empregos, menos poluente e, possivelmente, uma das coisas pela qual o mundo ainda vai agradecer ao Brasil é por deter essa tecnologia.

Graças à relação do Palocci com os empresários da região, graças à relação do nosso querido prefeito de Piracicaba, o companheiro José Machado, graças a amigos como José Pessoa, que está aqui no nosso meio, vocês sabem que há muito tempo a gente vem dizendo e afirmando, de forma muito categórica, que nós vamos recuperar o álcool nesse país. E não apenas nós, enquanto candidatos ou enquanto Presidente da República. Se vocês analisarem – e o Maurílio conhece bem –, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC tem uma proposta de renovação de frota. E dentro da proposta está a inclusão do carro a álcool como uma alternativa para o nosso querido Brasil.

Então, eu quero fazer esse agradecimento de público e dizer que o meu compromisso com o setor não é apenas para defender esse ou aquele interesse. É, sobretudo, porque eu acho que nesse mundo poluído, nesse momento em que os países começam a se sentir pressionados pela sociedade para poluírem menos o mundo, os países ricos, mais cedo ou mais tarde, vão ter que utilizar o álcool misturado na gasolina para poluir menos o planeta. O Brasil precisa estar preparado porque, numa dessas, nós podemos pegar uma grande fatia do mercado internacional e, quem sabe, produzir, num médio prazo, o dobro do que estamos produzindo hoje, gerando os empregos que nós precisamos gerar, as divisas que precisamos gerar, e a melhoria na qualidade de vida que nós precisamos ter no nosso país.

É muito engraçado, porque a vida é cheia de prós e contras, e às vezes contraditória. Eu acho que Deus deu inteligência ao ser humano para que nós aprendêssemos a resolver esses problemas que muitas vezes parecem insolúveis.

Por exemplo, em sua consciência, nenhum ser humano pode ser contra os avanços tecnológicos. A tecnologia melhora a capacidade produtiva de uma



empresa, aumenta a rentabilidade, torna essa empresa mais competitiva. E qual é o lado ruim do avanço tecnológico? É que ele pode significar milhares de trabalhadores no olho da rua.

A inteligência do ser humano existe para solucionar isso, e esse é o papel do Governo; esse é o papel do empresário; esse é o papel do sindicato. É para que a gente, não se colocando contra os avanços tecnológicos, toda vez que tiver que substituir um conjunto de trabalhadores por uma máquina mais avançada, nós, enquanto Governo, enquanto empresário, enquanto prefeito, enquanto sindicato, pense em como fazer para que os trabalhadores que vão ser substituídos não fiquem no olho da rua e possam viver condignamente.

Esse é o desafio que está colocado para nós: uma combinação da sensatez do dirigente político, do governante, do empresário, dos trabalhadores, dos sindicatos, para que a gente possa, numa mesa de negociação, encontrar solução, tendo sempre a certeza de que nós não podemos deixar mais trabalhadores desempregados neste país e que precisamos ter consciência de que, se há uma coisa que dá dignidade a um homem e a uma mulher, é trabalhar e com o suor do seu trabalho sustentar a sua própria família.

Olhando para a nossa política de comércio exterior, essa situação entre trabalho e tecnologia está bem colocada de uma forma, eu diria, até um pouco irônica. Quando ganhamos as eleições, alguns mais pessimistas diziam que o dólar ia chegar a 5 reais, e veja que nós tomamos posse com o dólar a 4 reais, tomamos posse com o risco-Brasil acima de dois mil pontos, e tomamos posse sem que o Brasil tivesse um único dólar para o financiamento das nossas exportações.

Ao contrário do que os pessimistas falavam, o dólar está caindo e graças a Deus está caindo, e agora, ironicamente, a gente vê o quê? A gente vê um grupo de companheiros que exportam querendo que o dólar não caia muito; do outro lado a gente vê companheiros, que importam, querendo que o dólar caia. E qual é o papel do Governo? O papel do Governo é afirmar a todo e qualquer momento que a nossa lógica é que o dólar vai continuar flutuante, e quem determina o seu preço é o



mercado. O Governo não vai “meter o dedo” na questão do dólar.

Não existe o valor do dólar “simpático” ao Presidente da República. Eu, de vez em quando, ouço gente dizer: “seria bonito que ele fosse R\$ 3,60; seria bonito que ele fosse R\$ 3,20”. Eu acho que não existe o dólar bonito. O dólar bonito para nós será quando ele atingir um patamar de estabilidade e a gente puder trabalhar o ano inteiro sabendo que o dólar vai estar estável e que nós, então, vamos poder fazer os nossos negócios sem medo da oscilação da moeda. Essa é a lógica.

E essa ironia só acontece por conta das incertezas que tomaram conta do nosso país durante muito tempo. Afinal de contas, nós passamos quatro anos alertando o ex-presidente da República de que era preciso mudar a política cambial, porque não era verdade que o dólar valia 1 real. Quase quebramos o nosso país por conta dessa teimosia. E hoje eu estou aqui feliz. Feliz, Zeferina, porque eu não fui cortador de cana, mas fui torneiro mecânico. E você sabe que, por conta de eu ter aprendido uma profissão – o primeiro filho de uma família de oito –, fugi do salário mínimo. Eu fui o primeiro na família a ter uma casa, uma televisão, uma geladeira, um carro. Tudo isso por conta de uma profissão. E eu sempre sonhei que era possível melhorar a situação da classe trabalhadora. Entrei no sindicato, me tornei um dirigente sindical importante no país. Acho que participei dos momentos mais importantes da história do movimento sindical.

Um dia, Zeferina, eu descobri que o sindicato era pequeno, que eu queria mais. E queria mais, não para mim. Eu queria mais para os trabalhadores. Eu achava que, se nós trabalhadores éramos a maioria da sociedade, porque é que a gente, então, não poderia pleitear governar o país? Nós descobrimos isso e criamos um partido político. Vinte anos depois nós ganhamos as eleições para Presidente da República. Você sabe que levou muitos anos para que 26 milhões de negros, na África do Sul, descobrissem que eram mais do que os seis milhões de brancos. E quando tomaram consciência disso, os negros votaram nos negros e o Mandela foi eleito presidente da República da África do Sul.

Ora, então este é o fato de nós termos chegado onde chegamos, de você sair



da posição de uma cortadora de cana e ganhar a São Silvestre, disputando até com o Suplicy, que é um “massa de homem forte”, mas que só chega no dia seguinte da prova. É quando um “toquinho” de gente como você, que não deve ter comido todas as calorias e as proteínas necessárias na sua infância, chega ao topo do esporte, fazendo parte da elite brasileira. Sabe o que um amigo meu, um negro, prefeito de uma cidadezinha pequenininha aqui perto, chamado Ju, sabe o que ele falava para mim? “Lula, o homem e a mulher têm que ser do tamanho do seu sonho. E se a gente sonha pequeno, a gente sempre vai ser pequeno, a gente tem que sonhar grande, a gente tem que buscar algo grande e ir atrás que a gente conquista”. E você, minha querida Zeferina, é o exemplo de que não tem limite para ninguém, para nenhum ser humano, desde que ele acredite.

Quando eu venho a Santa Elisa e ouço dizer, na inauguração de uma termelétrica, com tecnologia brasileira, que trabalhadores que eram cortadores de cana viraram empresários e fizeram coisas maravilhosas, isso é um alento para cada um de vocês, que estão aí de macacão e que não podem nunca se sentir menores do que ninguém na face da Terra.

Eu já ouvi do Presidente da Volkswagen, eu já ouvi do Presidente da Mercedes, eu já ouvi do Presidente da Scania, eu já ouvi de uma centena de empresários estrangeiros que o trabalhador brasileiro é, possivelmente, o mais competente do mundo. Já cansei de ouvir. Eles dizem, inclusive, que os trabalhadores da Alemanha, os trabalhadores da Inglaterra não têm a mesma criatividade e a mesma capacidade de produção que tem o trabalhador brasileiro.

Se nós somos capazes de fazer isso, se nós somos capazes de fazer o que nós fazemos neste país, e se nós somos capazes de ter trabalhadores como vocês, de ter uma Zeferina, de ter um Pelé, de ter um Ayrton Senna, significa que nós podemos muito mais. É por isso que nós precisamos acordar todo santo dia acreditando que a gente tem capacidade de fazer mais do que a gente fez no dia anterior. E andar de cabeça erguida, brigar pelos nossos direitos. É assim que a gente constrói uma Nação, é assim que a gente constrói uma cidadania, e é assim



que a gente recupera a nossa auto-estima.

Por isso meus amigos, companheiros e companheiras, eu quero, na frente desses trabalhadores, Maurílio, dizer que quando eu chamei os empresários para conversar, é porque eu passei 25 anos da minha vida fazendo negociação. Coisa que não era hábito no Brasil, coisa que a imprensa desconhece, porque, muitas vezes, no Brasil, é mais fácil viver de futrica do que fazer coisa séria. E eu disse a vocês o que eu tenho dito a todos os empresários: não há problema que não tenha solução. E não há lugar melhor para a solução dos problemas do que colocar aqueles que estão em conflito em torno de uma mesa e conversar, um olhando no olho do outro, para a gente encontrar a solução. Vai ser assim no Brasil daqui para a frente.

Eu digo sempre, Maurílio, que não há nenhum ser humano 100% bom. Também não há nenhum ser humano 100% ruim. O que nós temos que fazer é aprender a conviver com aquilo que as pessoas têm de bom, tentar extrair das pessoas aquilo que elas podem oferecer, para a gente construir um mundo mais justo, mais fraterno, mais solidário. É com essa crença que eu estou governando este país. É com essa crença que eu trabalho 14, 15, 16 horas e ainda faço os ministros trabalharem 18, 19 horas por dia, porque eu não quero passar para a história do Brasil, apenas porque vou ter no salão nobre do Planalto a minha fotografia como Presidente, para daqui a vinte anos, passar alguém e falar “quem foi esse aí?”.

Um homem não é marcado pela quantidade de anos que ele vive ou pela quantidade de anos em que ele fica no mandato. Um homem é marcado pela grandeza da sua obra, e a minha obra é recuperar a auto-estima do povo brasileiro e colocar o Brasil no mundo de cabeça erguida, porque nós não somos uma raça inferior, nós somos iguais a qualquer outro no mundo e precisamos entrar nas negociações, sejam políticas, culturais ou comerciais de cabeça erguida. Quem tem que resolver o problema do desemprego no Brasil somos nós, quem tem que fazer a reforma agrária somos nós, quem tem que acabar com o analfabetismo somos nós,



quem tem que cuidar do salário com carinho especial somos nós, e isso, pode ter certeza, nós vamos fazer e, se Deus quiser, essa será a grande obra do nosso Governo. E para isso, tenho certeza, vou contar com o apoio dos trabalhadores brasileiros e com o apoio dos empresários brasileiros.

Aquele que não quiser, não tem problema, mas eu não tenho dúvida, pelo que eu tenho sentido, que nós vamos ter o apoio de mais de 90% da sociedade brasileira para fazer o que precisa ser feito neste país, para que o Brasil deixe de ser um país emergente e passe a ser um país efetivamente grande, competitivo e que possa estar inserido dentre os países mais ricos do mundo.

Meus parabéns Maurílio, parabéns trabalhadores e parabéns ao povo brasileiro.

/rss/cms